

CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES HISTÓRICAS EM ANÁLISE DO DISCURSO

Eli Gomes Castanho*

Jarbas Vargas Nascimento**

RESUMO: Este artigo apresenta e reflete sobre a trajetória da disciplina lingüística Análise do Discurso, tomando por base para essa reflexão os conceitos de paradigma e de continuidade vs. descontinuidade históricas, postulados por Khun. Embora a Análise do Discurso tenha sido fundada na França na década de 60, com um propósito definido, seu contato com outros povos possibilitou alteração em sua epistemologia, fato que nos leva a percorrer sua trajetória, assinalando, ao menos, três tendências, claramente, perceptíveis.

ABSTRACT: This article examines and reflects about the trajectory of the Linguistics discipline, Discourses Analysis. The basis of this reflection is the Kuhn's (1962) concepts of paradigm, historic continuity v. discontinuity. Although the Discourse Analysis has been founded in France, in the 60's decade, with a defined purpose, its contact with other people allowed alteration in its epistemology, fact that invite us to investigate its trajectory, marking, at least, three perceptible tendencies, articulately.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; epistemologia; paradigma, teoria lingüística.

KEYWORDS: Discourse Analysis; epistemology; paradigm; linguistics theory.

INTRODUÇÃO

A Análise do Discurso (doravante AD), especificamente a fundada pelos francófonos, vêm apresentando várias facetas desde seu surgimento na década de 60, do século passado, tendo em vista os debates sobre sua epistemologia e sua divulgação pelo mundo.

Haja vista que a pesquisa lingüística brasileira tem realizado vários estudos voltados para essa disciplina, o presente artigo revisita três tendências no percurso AD. Esse revisitar tem o objetivo de promover

uma reflexão sobre diferentes tendências, de modo a perceber nelas movimentos de continuidade *versus* descontinuidade históricas, ao longo da trajetória da AD.

Para isso, buscamos orientação em Khun [1962] (2006), que postula a noção de paradigma e nos permite aplicá-la em diferentes áreas de conhecimento. Essa orientação, inclusive, visa a aproximar a atividade de mudanças na epistemologia AD, conforme mostraremos em sua trajetória. Essa é razão pela qual optamos por esse viés teórico.

1. CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES HISTÓRICAS

O conceito de paradigma é chave para o entendimento da proposta de Kuhn. Para ele, tal conceito está atrelado à concepção de ciência normal, a qual precede o entendimento do referido termo-chave. Desse modo, para Kuhn (206:29), ciência normal

significa a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Essas realizações são reconhecidas durante algum tempo por alguma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior.

Tendo, pois, a pesquisa, que caracteriza a ciência normal, como base de realizações científicas passadas, paradigma nada mais é do que essas realizações partilhadas e consolidadas entre uma comunidade. Para ilustrar a conceituação, o filósofo da ciência cita a Física aristotélica, como exemplo de um paradigma. Esses paradigmas são legitimados pelos manuais científicos e apreendê-los constitui tarefa de todo iniciante numa ciência normal. Portanto, podemos dizer que o *Curso de Lingüística Geral* [1916], de Saussure, é um manual que legitima um paradigma científico. No caso, o estruturalismo lingüístico.

Do mesmo modo que os paradigmas são construídos pelo fazer científico, são, também, dinamitados por ele. Isso porque *algumas crenças ou procedimentos anteriormente aceitos foram descartados e, simultaneamente substituídos por outros* (Kuhn, *op. cit.*: 93). Logo, em meio às crises de uma teoria, novas teorias emergem. Assim, a resposta a essa crise leva a uma transição de paradigmas e a esse movimento é que Kuhn nomeia revolução científica.

O surgimento da AD, nos rebeldes anos 60, deu-se revolucionariamente em resposta à constatação de paradigmas defeituosos no estruturalismo lingüístico, sobretudo, nas correntes formais e funcionalistas, já que essas excluía a fala dos estudos do campo lingüístico. O cenário para o surgimento dessa revolução foi uma França humilhada pela Segunda Grande Guerra, lançada num continente dividido por modelos sócio-econômicos díspares: o

capitalismo e socialismo, representados, respectivamente, pelos Estados Unidos e pela União Soviética.

Logo, percebemos que a AD foi um movimento de descontinuidade ao estruturalismo. Embora a corrente teórica do lingüista genebrino gozasse de seu período áureo na Europa, pelo menos até o final dos anos 60.

Assim, os paradigmas constituem-se e destroem-se por movimentos de continuidade e descontinuidade históricas, já que as revoluções não se dão abruptamente, mas sim, lenta e gradualmente. Para Possenti (2004: 355), o saber científico apresenta rupturas e, no caso das teorias do discurso, apresenta múltiplas rupturas:

O conhecimento não se produz por acumulação, mas por saltos e mudanças de rumo em relação às etapas anteriores. As novas teorias não são vistas como desenvolvimento e sofisticação das anteriores, mas como efeito, em boa medida, de seu abandono, seja por estarem "esgotadas", seja porque novas problemáticas, novas vontades de verdade tomam seu lugar, tanto teórica quanto politicamente.

A AD mesmo revolucionando um paradigma, no contexto de sua aparição, apresenta em seu interior vicissitudes que comprovam os movimentos contínuo e descontínuo que a constituem sob três perspectivas diferentes, que aqui optamos por chamar de AD-1, AD-2 e AD-3. Sobre elas, buscaremos perceber esses movimentos.

2. ANÁLISE DO DISCURSO-1 OU ANÁLISE AUTOMÁTICA DO DISCURSO

Conforme mencionamos anteriormente, a AD nasceu num contexto de contestação de projetos totalizantes como foi o estruturalismo. Embora pareça um movimento de ruptura total com aquela fase áurea da Lingüística, é possível perceber, nessa primeira fase, um movimento de continuidade. Cabe-nos, anteriormente, entender de que trata esse ramo da Lingüística.

A disciplina tem o discurso como seu objeto de estudos, conforme a própria nomenclatura já sugere. Logo, é necessário compreender esse objeto. Fernandes (2007) define-o por exclusões e começa pela distinção entre o que vem a chamar discurso e o que o senso comum o categoriza. Desse modo, discurso não compreende uma fala formal, longa, com protocolos próprios. Tampouco discurso é sinônimo de texto, de língua, de fala. Discurso é, para a disciplina, a exterioridade à língua; é o terreno em que o ideológico e o social se fundem e se concretizam na língua. Nessa perspectiva, o discurso é agasalhado na língua. E, embora não entrem em sua constituição aspectos de ordem lingüística, a língua é, em relação ao discurso, o seu suporte.

Sendo assim, a partir da materialidade lingüística se podem apreender aspectos sócio-ideológicos decorrentes da posição dos sujeitos que se apropriam da língua. Em razão disso, segundo Orlandi

(2001), o embasamento epistemológico da disciplina lingüística tem sua origem nas teorias da sintaxe e enunciação, da ideologia e do discurso, atravessados por uma orientação Psicanalítica de sujeito. É, portanto, do diálogo entre a Lingüística Estrutural, o Marxismo e a Psicanálise que surge o constructo teórico da AD, com vistas à compreensão (esta definida em oposição à inteligibilidade e interpretação) sobre como um objeto simbólico produz sentidos para e por sujeitos.

A constatação de falhas no paradigma estruturalista levou, paulatinamente, os estudiosos franceses, do final da década de 60, a rupturas com o sistema. Uma das principais pulsões para isso se deu em razão do questionamento da forma pela qual se estudavam textos, àquela época. Para Pêcheux (1993:62):

... o deslocamento conceptual introduzido por Saussure consiste basicamente em separar a homogeneidade cúmplice entre prática e teoria da linguagem: a partir do momento em que a língua deve ser pensada como sistema, deixa de ser compreendida como tendo a função de exprimir sentido; ela torna-se objeto da qual uma ciência pode descrever seu funcionamento (...) A consequência desse deslocamento é, como se sabe, a seguinte: o "texto", de modo algum, pode ser objeto pertinente para a ciência lingüística pois ele não funciona; o que funciona é a língua, isto é, um conjunto de sistemas que autorizam combinações e substituições reguladas por elementos definidos, cujos mecanismos colocados em causa são de dimensão inferior ao texto: a língua, como objeto de ciência se opõe à fala, como resíduo não científico de análise.

Para dar conta desse impasse, Pêcheux propõe uma análise em dois níveis: um lingüístico e outro discursivo. Para isso, propunha o uso da gramática gerativa, pela análise transfrástica, o que, de certa forma, sugeria um movimento de continuidade histórica dos padrões estruturalistas, embora caminhasse, antiteticamente, num movimento de descontinuidade.

Mussalim (2001) descreve os passos dessa análise pechetiana. A primeira etapa tem seu início pela escolha do *corpus*. São preferíveis discursos estabilizados, produzidos em condições estáveis e homogêneas. Não que não fossem discursos polêmicos, mas eram marcadamente de um grupo específico. Por exemplo, no Manifesto Comunista, nota-se, explicitamente, o locutor assujeitado a uma ideologia, no caso, a das tendências políticas de esquerda. Assim, o texto é fechado numa instituição e ele representa parte de seus interlocutores inscritos nesse espaço discursivo. O próximo passo de análise contempla, ainda, o campo lingüístico; uma vez que o analista se ocupará das relações sintáticas entre os enunciados, bem como do léxico que compõe o discurso. O passo seguinte já é de uma dimensão discursiva: o analista empregará estratégias de substituição e de paráfrase. Por fim, em última estância de análise,

caberá ao analista reconhecer, pelas relações de sinonímia e paráfrases, se oriundas de uma mesma estrutura geradora do processo discursivo.

A partir desse passos analíticos, concluía Pêcheux (op.cit.:118) pela existência de uma máquina discursiva, numa metáfora industrial. Esse conceito corresponderia a

uma estrutura (condições de produção estáveis) responsável pela geração de um processo discursivo (o processo de construção do manifesto comunista, por exemplo) a partir de um conjunto de argumentos e operadores responsáveis pela construção e transformação das proposições, concebidas como princípios semânticos que definem, delimitam um discurso (o comunista, para toma-lo como exemplo).

Como se vê, a escolha do discurso para o *corpus* já implica, nessa perspectiva, eleger uma estrutura de condições em que um processo discursivo é gerado. Para perceber a máquina discursiva por detrás desse *corpus*, é necessária uma análise lingüística (de cunho gerativo, como vimos), prosseguida de uma discursiva. A esse procedimento teórico-analítico, Pêcheux nomeou *Análise Automática do Discurso* (AAD-69).

3. ANÁLISE DO DISCURSO-2: QUANDO AS MÁQUINAS PARAM

A AD-2 tem como principal diferencial, nesse período, a agregação de conceitos advindos da Filosofia de Michel Foucault, sobretudo, o conceito de formação discursiva (daqui para frente, FD). Pela FD é que se pode dizer que tais palavras somente fazem sentido se relacionadas às condições sócio-históricas de seu uso. É por esse conceito foucaultiano que se regula o que deve e o que não deve ser dito em uma situação sócio-histórico-ideológica dada. Atrelado ao conceito de FD permeia a noção de formação ideológica (daqui para frente, FI), que é exatamente o espaço sócio-histórico em que o sujeito se encontra. Por isso é que Brandão (1997:38) diz que são as formações discursivas que, em uma formação ideológica específica e levando em conta uma relação de classe, determinam "o que pode e deve ser dito" a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada.

O próprio Pêcheux [1983] (1996:314), pai da AAD-69 reconhece a ruína da máquina discursiva, como superação de um paradigma:

a noção de formação discursiva (...) começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu "exterior": uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente "invadida" por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nelas, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob a forma de "pré-construídos" e "discursos transversos".

Ao contrário da AD-1 em que as máquinas discursivas são estruturas justapostas, fechadas sobre si mesmas; a AD-2 trabalha com a obrigatoriedade de o analista perceber as zonas "invadidas" por outras formações. Assim, o processo discursivo não é mais gerado por uma máquina, conforme a metáfora, mas sim, se constrói pelo embate ou pela proximidade, pela disputa de espaço das diferentes FDs.

Em decorrência desses novos modos de perceber o discurso, a noção de sujeito é alterada na AD-2. Na perspectiva anterior, o sujeito era entendido como assujeitado pela maquinaria discursiva; nesta, vem à baila a noção de sujeito em dispersão. Essa concepção resulta da filiação a determinadas e distintas FDs, que vinculam saberes e que, por sua vez, são articulados a interesses sociais. O sujeito não é mais, portanto, marcado pela unidade. Todavia, isso não lhe dá o *status* de livre. Como o sujeito se constitui em detrimento das muitas funções, dos muitos papéis que exerce em diferentes espaços discursivos, ele tem sua enunciação regulada pelas coerções oriundas das FDs, pertencentes às respectivas instituições de que ele faz parte.

Portanto, o principal diferencial entre essa perspectiva e a anterior é a inserção da noção de FD, indicando a possibilidade de assujeitamento a várias FDs, que se presentificam nos interstícios do discurso e não somente a uma máquina discursiva. Não obstante, tal novidade teórica parece ainda ter certa continuidade, nesse aparente descontínuo histórico. Em termos teóricos, o que inova é a relação limítrofe entre as FDs; nega-se a idéia de uma estrutura fechada. Constata-se que não há formação única para uma única linguagem e para todos. Segundo Courtine e Marandin (*apud* Brandão (1997:40)):

Uma FD é, portanto, heterogênea a ela própria: o fechamento de uma FD é um fundamentalmente instável, ela não consiste em um limite traçado de forma definitiva, separando um exterior e um interior, mas se inscreve entre diversas FDs como fronteira que se desloca em função dos embates da luta ideológica.

E, em consequência e aperfeiçoamento dessa natureza heteróclita do discurso, é que o modelo paradigmático proposto pela AD-2 foi, aos poucos, sendo substituído pela AD-3, paralisando, de uma vez por todas, as máquinas discursivas.

4. ANÁLISE DO DISCURSO-3 OU ANÁLISE DO INTERDISCURSO?

Os estudos de Bakhtin, embasados no princípio dialógico da linguagem, favoreceram àquele pesquisador russo a construção do conceito de polifonia, a partir da análise de obras de Dostoiévski (cf. Bezerra, 2006). Desse mesmo conceito, apropriou-se, mais tarde, Ducrot (cf. Mainguenau, 2006:109), quem o aperfeiçoou, dando a ele

um trato lingüístico, afirmando que *aquele que produz materialmente seu enunciado não se encarrega dele, não se apresenta como seu responsável*.

Essa assertiva fez com que Ducrot postulasse a diferença entre sujeito falante (o sujeito empírico ou instituição que “assina” o discurso materializado em forma de texto); locutor (o sujeito que detém, porta os vários discursos, que são materializados em texto pelo sujeito falante) e enunciador (ao contrário do locutor, o enunciador não se responsabiliza pelas palavras do enunciado, mas pelo ponto de vista sobre ele; possibilita, por exemplo, lançar olhar irônico sobre dada situação discursiva).

Como o locutor não é o dono de sua voz, mas o templo de muitas outras vozes, perpassam, por esse conceito, as noções de polifonia e de heterogeneidade. A primeira, conforme já mencionamos, é condição essencial para que se constitua o discurso, já que ele se faz das muitas vozes (poli/fonia), que circulam no espaço de convivência do sujeito empírico. A segunda, preconizada por Authier-Revuz, a partir das noções de dialogia e polifonia, refere-se à materialização dessas outras vozes no discurso. Ela pode ser classificada sob duas formas: a heterogeneidade constitutiva torna implícita a voz do sujeito; e a heterogeneidade mostrada, como sendo aquela que deixa transparecer a voz do outro, que é parte constitutiva do discurso, são exemplos desse tipo de heterogeneidade as citações, as referências a outros dizeres.

Apropriando-se desses conceitos da Semântica Discursiva, Maingueneau avança sobre novas considerações acerca da aplicabilidade do conceito foucaultiano de FD, culminando no primado do interdiscurso. Logo, *a unidade de análise não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos*, segundo Maingueneau (apud Brandão, op. cit.:72).

Para Maingueneau (1997), o entendimento desse termo-chave da AD-3 pressupõe a recorrência a outros três termos complementares, a saber: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. O primeiro diz respeito a toda finidade de FDs existentes, cuja apreensão torna-se impossível para o campo da AD. O campo discursivo refere-se a conjuntos de FDs concorrentes, as quais delimitam-se entre si em regiões do universo discursivo. Já o espaço discursivo concerne a subconjuntos do campo discursivo em que pelo menos duas FDs dialogam entre si, mantendo relações privilegiadas e cruciais para a compreensão dos discursos. Nesse recorte, essencialmente, se instalaria o primado do interdiscurso, possibilitando a análise do texto, entendido como a materialização de uma rede semântica de discursos, do qual a AD-3 se ocuparia da apreensão desse espaço de trocas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme vimos nesse percurso pelas três tendências possíveis da disciplina AD, pudemos perceber que seu desenvolvimento se deu por movimentos de continuidade e descontinuidade históricas, já que conceitos novos foram sendo agregados, à medida que outros foram sendo ressignificados em meio às condições sócio-histórico-culturais.

É aparente que cada fase da AD apóia-se num conceito-chave para sua respectiva época, assinalando um movimento de descontinuidade. A AD-1 recorre ao conceito de máquina discursiva, como estrutura única, geradora dos processos discursivos. Aos poucos, a AD-2 pluraliza e abre-se para outras estruturas, a partir da incorporação das formações de Foucault, possibilitando-se, pela análise, o confronto e as aproximações entres as diferentes FDs justapostas. Já a AD-3, aproxima-se ainda mais de um olhar heterogêneo sobre os fenômenos da linguagem, fazendo uso do termo interdiscurso, em que as FDs não se apresentam mais como justapostas, mas sim, imbricadas, "invadidas" entre si.

Todavia, podemos perceber, entre as tendências aqui revisitadas, um ponto em comum que assegura um movimento contínuo de permanência entre elas e, certamente, outras já existentes ou ainda vindouras: a constante relação língua-discurso-ideologia.

REFERRÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, M. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- BEZERRA, Paulo. *Polifonia*. In: BRAITH, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. 3. ed., São Paulo: Contexto, 2006.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Clara Luz, 2007.
- KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 3ª edição, 2001.
- PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). Trad. E. P. Orlandi. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- POSSENTI, S. Teorias do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: BENTES, A. C. & MUSSALIM, F. **Introdução à Linguística: fundamentos Epistemológicos**. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004. pp. 353-392.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da Análise do Discurso**. 6. ed., Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

_____. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. 3. ed., Campinas: Pontes e Editora da UNICAMP, 1997.

* Mestrando em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

** Professor Doutor, Titular do Departamento de Português da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.